

A MAÇONARIA E A INDEPENDENCIA

DISCURSO PROFERIDO POR
OSWALDO EIFLER

ORADOR DA

LOJ.: MAÇ.: FRATERNIDADE N. 3

Em sessão comemorativa da SEMANA DA
PÁTRIA, programada pela Liga de Defesa
Nacional e realizada em 4 de Setembro
de 1948.

PELOTAS — R. G. DO SUL

JOSE ADOLFO SOUSA

Veneravel Mestre!
Exmo. Sr. Dr. Joaquim Duval,
DD. Prefeito Municipal;
Exmo. Sr. Presidente da Liga da Defesa Nacional,
Exmas. Autoridades Cívicas e Militares
Minhas Senhoras
Meus Senhores
Presados Irmãos!

A Loja Maçonica "Fraternidade n.º 3" sente-se feliz e sumamente orgulhosa em poder, uma vez mais, levar a efeito dentro de seu Templo, uma sessão cívico-patriótica em comemoração a data máxima da nossa historia.

E falar em 7 de Setembro de 1822, é falar na Maçonaria, é falar no passado, é falar no desprendimento, na abnegação, no trabalho fecundo, silencioso, porem sempre altruistico de todos quantos, — no passado como no presente — tiveram e têm a ventura de pertencer a tão sublime quão nobre Instituição.

A Maçonaria, cuja origem remonta a um passado pre-histórico, surgiu com os primeiros anseios do homem, com seus primeiros ideais de Liberdade, com as suas primeiras reivindicações de consciência.

Lutou sempre a Maçonaria por estes ideais, de vizeira erigida, com desassombro, com desprendimento, com altivez.

No Brasil, no final do século 18, em Minas Gerais, onde o sentimento de Liberdade tomava vulto, já os sonhadores de uma Pátria livre cresciam, agigantavam-se, espargindo a semente do desprendimento, do heroísmo, do sacrifício, fazendo crescer e fervilhar no íntimo de cada brasileiro a chama do progresso, o sentimento de Liberdade, o idealismo de um Brasil maior, mais rico, mais desenvolvido, sobretudo mais independente.

E, a mocidade, que foi sempre em todos os países, em to-

— 4 —

das as causas justas, nobres e arrojadas, em todas as ocasiões, em todos os movimentos, a vanguardeira indomável, à mocidade — repito — coube um papel importante nos fatos históricos da nossa estremecida Pátria.

Estudando nas Universidades de Coimbra e de Montpellier viam-se jovens estudantes brasileiros ávidos de saber, plasmando seus caracteres nos turbilhões de um mundo sedento de liberdade, tendo exemplos edificantes nos fatos que então se desenrolavam, e tiveram alguns, anos depois, papeis transcendentales no nosso principal movimento histórico.

Como não poderia deixar de ser, acompanhando de perto, sentindo mais diretamente os acontecimentos, os jovens estudantes acalentavam, sonhavam poder um dia trabalhar pelo engrandecimento da Pátria, livrando-a da miséria em que vivia, sendo tão rica.

A ideia de seguirem o exemplo de outros povos faz com que os mais arrojados, os ativos, os mais desprendidos se unam para, como um só bloco, uma só cabeça, agirem no momento preciso.

Já então lavrava em todo o Brasil o espírito de revolta contra a prepotência, contra os demandos do governo português, avolumando-se o desejo de emancipação, a ideia de independência.

O governo da metrópole fazendo-se surdo aos reclamos dos brasileiros, não compreendendo ou não querendo compreender, tomava medidas cada vez mais drásticas contra os que sonhavam com a Liberdade, por um Brasil maior.

O sentimento de independência avolumava-se cada vez mais. Inicialmente, em Minas Gerais, grande numero de homens notáveis, de espiritos esclarecidos, de desprendimento incommensuravel, associavam-se, reuniam-se para, com coragem, resolução e estoicismo, atirarem-se á luta.

E tres grandes homens, tres poetas, tres patriotas, reuniram-se para levar avante seus sonhos de moços, seus ideais sacrosantos. Foram eles: Claudio Manoel da Costa, Tomaz Antônio Gonzaga e Inácio José de Alvarenga Peixoto.

Á essa triade de poetas, de sonhadores, de homens de valor,

JOSE ADOLFO SOUSA

— 5 —

aliou-se BARBARA HELIODORA, esposa de Alvarenga Peixoto, — Gloria e o orgulho da Mulher Brasileira — que, ao ter posteriormente conhecimento da pena imposta a seu marido, enlouqueceu, tendo sua filha Maria Efígenia, morrido de dor, ante tamanha crueldade.

Áqueles vultos juntaram-se Dr. Domingos Vidal Barbosa, Tte. Cel. Domingos de Abreu Vieira, os padres Manoel Rodrigues da Costa, José da Silva de Oliveira Rolim, Carlos Correia de Toledo e Melo, conego Luiz Vieira da Silva, Alfêres de cavalaria Joaquim José da Silva Xavier, — o Tiradentes, — figura central, homérica, altiva, masculina e singular.

Posteriormente ponde a conspiração, — graças aos trabalhos e habilidades de Tiradentes, — contar com o concurso do Cel. Francisco de Paula Freire de Andrade, Chefe da força publica, em cuja residência foram concertados os planos do levante.

Era Tiradentes modesto, de nascimento humilde, porem um grande coração. Sonhando com uma Pátria livre e engrandecida, Tiradentes emprega todo o seu ardor, todo o seu entusiasmo de moço, toda a sua vida, quer enfrentado perigos, quer aliciando elementos, quer transportando-se de uma a outra parte, tendo, — quando de uma das suas visitas ao Rio de Janeiro, — encontrado o Dr. José Alves Maciel, que vinha de se formar recentemente pela Universidade de Coimbra, e que fôra um dos estudantes mais exaltados em prol da luta pela Independência da Pátria.

Expostos os planos, estudados os detalhes, acertada a sua participação, segue Alves Maciel para Minas, ficando Tiradentes no Rio de Janeiro.

O Visconde de Barbacena, encarregado da Fazenda Real, fôra a Minas com ordens de arrecadar todas as dividas em atraso, e, diante de sua atitude intempestiva, sua falta de habilidade, cada vez mais aumentava a revolta contra a Metrópole.

Com o aumento da revolta crescia o numero de adeptos á causa da Liberdade sonhada por esta pleiade de herois, que a Pátria guardará sempre como um faról, um marco inicial de brasilidade.

Mas, como em tôdas as ocasiões, em todos os movimentos,

há sempre uma figura indigna, um ser desprezível, um traidor, em suma, êste appareceu e foi, como bem o sabemos, Joaquim Silverio dos Reis, de triste memória.

Tiradentes, descoberta a revolta, procurou innocentar seus companheiros, assumindo inteiramente a responsabilidade de toda a trama.

De nada adiantou a sua pretensão, pois foram presos os principais envolvidos, sendo Tiradentes enforcado, sua casa arrazada, seu corpo esquartejado, sua descendência considerada infame, labeu que havia de honra-la por haver sido êle plantador da semente da Liberdade em nossa amada Pátria.

Aos demais conspiradores foram prolatadas setenças que variavam de acôrdo com a vontade dos "senhores", dos "todo-poderosos" de então.

Diz A. J. Melo de Moraes, que as primeiras Lojas Maçonicas, no Brasil, datam da crise da conjuração mineira, sendo que ha a confirmá-lo uma carta dirigida a Luiz Beltrão, então Conselheiro do Império, de próprio punho de Francisco Alves da Silva Freire, dizendo-se "jacobino e pedreiro livre", confissão que lhe custou o degredo para a Índia.

NOBRES ATITUDES, BELOS DESPRENDIMENTOS, HERÓICOS BRASILEIROS

Há, depois no Rio de Janeiro, em 1794, outra Inconfidência, porém de menor importância, que mesmo assim, levou à masmorra Silva Alvarenga, Maricá e outros.

Poucos anos mais tarde, em 1798, na Bahia, um pouco conhecido movimento, — a Inconfidência Bahiana — encontrou adeptos que pagaram com a vida os seus sonhos, os seus desejos de Liberdade, conforme verifica-se pelas preciosas coleções de manuscritos originaes existentes na Biblioteca Publica do Rio de Janeiro, tendo este movimento sido idealizado e desenvolvido dentro da Loja Maçonica "Cavalleiros da Luz".

Já disse alguém que este episodio da nossa história "teve epilogo ainda mais trágico de que o da Inconfidência Mineira, pelo numero de vítimas da "Justiça Del Rei Nosso Senhor".

Mesmo assim, com todos os revezes sofridos, enfrentando to-

dos os perigo, atiraram-se os Maçons de peito descoberto, altanciros e irreductiveis á conquista definitiva de seus ideais, quer reunindo-se em todas as occasiões precisas, quer fundando Lojas onde pudessem trabalhar, quer conseguindo Irmãos para aumentarem seus quadros, procurando, como sempre, os mais dignos, os mais desprendidos, os mais exaltados, os mais acorajados.

Afirma Mario Mélo, que a Inconfidencia Pernambucana, em 1817, foi a de maior vulto, dizendo que o "medico e botânico Dr. Manoel Arruda Camara, ex-frade carmelita, formado pela Faculdade de Montpellier e membro da Academia Real de Ciencias de Lisboa, foi o fundador do AREÓPAGO de Itambé, onde passou a residir, com a intenção de preparar os brasileiros para a independencia de sua Patria

Frequentavam o AREÓPAGO pessoas destaque de Pernambuco e Paraíba, de onde saiam e se irradiavam, cautelosamente, as doutrinas ensinadas.

Era, o AREÓPAGO, segundo um historiador, uma especie de magistério que instrua e despertava entusiasmo pela Republica, mas em harmonia com a natureza e dignidade do homem, e ao mesmo tempo inspirava ódio á tirania.

Era, finalmente, a revolução doutrinada que traria a independencia e o governo republicano a Pernambuco.

Do AREÓPAGO faziam parte o Capitão André Dias de Figueiredo, os padres João Ribeiro, Antonio Feliz Velho Cardoso, José Pereira Tinoco e Antonio de Albuquerque Montenegro, e tambem o Capitão mór de Olinda, Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, cognominado, — o Suassuna — que chefiou a conspiração de 1801, cuja finalidade era tornar Pernambuco uma Republica.

Fracassado o movimento, presos Francisco de Paula, — o Sussuana — e seu irmão, foram seus bens confiscados, não havendo maiores punições por falta de provas reais.

Feita grande devassa, recaindo suspcitas sobre o AREÓPAGO, este dissolvia-se para evitar maiores investigações; entretanto, dos seus escombros, das suas cinzas, surgiram as ACADEMIAS.

Em 1802, Francisco de Paula Cavalcante de Albuquerque, logo que regressou á Patria, fundou em seu engenho, no municipio do Cabo, a ACADEMIA DE SUASSUNA, que nada mais era do que a continuação do AREÓPAGO, e ali os seus adeptos encontravam "luz, agasalhos e subsidios".

Em diversos pontos do território iam-se multiplicando as Lojas Maçonicas, cultivando todas um só ideal, norteando-as sempre uma só diretriz, frequentadas por elementos de grande destaque, homens conscios de suas responsabilidades, patriotas exaltados, dispostos a todos os martirios, concorrendo, muitas vezes, com o sacrificio da própria vida em holocausto á Pátria, em prol de sua emancipação, de sua independencia.

A 14 de Julho de 1797, na Bahia, foi fundada a Loja Maçonica "Cavalleiros da Luz", em Sitio da Barra, e escolhida esta data talvez em homenagem á tomada da Bastilha, pois, — segundo historiadores — foi o Comandante de "La Preneuse", — Mr. Larher — chegado á Bahia a 30 de Novembro de 1796, que induziu os amigos á fundação de uma Loja Maçonica; em 1801 fundou-se no Rio de Janeiro a Loja "Reunião", e em 1802, na Bahia, no dia 5 de Julho, foi instalada a Loja "Virtude e Razão", em 1803, mais duas Lojas instalaram-se no Rio de Janeiro, "Constância" e "Filantropia"; no dia 30 de março de 1807 instalaram-se, na Bahia, as Lojas, "Virtude e Razão" e "Razão Restaurada"; em Pernambuco, em 1809, funda-se a Loja "Regeneração", seguindo-se a "Universidade Secreta", de Vicente Guimarães Peixoto, as Lojas "Patriotismo", "Pernambuco do Oriente", "Pernambuco do Ocidente" e a "Oficina de Iguarassú", fundada na casa do Capitão Mór Francisco de Moraes Cavalcante; em 1812, na Freguezia de São Gonçalo da Praia Grande fundou-se a Loja Maçonica "DISTINCTIVA", cujo emblema no selo grande éra de um indio vendado e manietado com grilhões — O BRASIL — e um gesagrilhoar, fazendo parte, como seus membros Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, José Joaquim da Rocha, o Cel. Luiz Pereira da Nobrega e José Mariano Cavalcanti de Albuquerque, que

mais tarde veiu a tomar parte da Revolução de Pernambuco de 1817.

Diz-se que em 1816, foi instituida no Recife a ACADEMIA DO PARAIZO, sob a direção do padre João Ribeiro Pessoa de Melo Montenegro, sócio da Academia de Suassuna, outrora filiado ao Areópago de Itambé, e em 1807 á Lojas Maçonicas de Portugal.

"Areópagos", "Academias", "Oficinas", "Universidades", não eram mais que sociedades maçonicas, ou intimamente ligadas á Maçonaria, tanto que indo o padre João Ribeiro à Europa, em 1807, ali, — conforme expressão textual do padre Dias Martins em seus "Mártires Pernambucanos", — "apertou os laços suassunais", segundo afirma Mario Mélo em "As Academias Secretas de Pernambuco".

A 6 de Março de 1817 explodia a revolução, nela "tomando parte a fina flor da intelligência e do caráter da terra", precisando, segundo alguém, "os pernambucanos mais de quem os contivessem do que quem os animassem a marchar.

Os brasileiros proclamaram a republica em Pernambuco e noutras provincias. Lutaram, foram perseguidos e por fim tombaram. Bem poucos poderam escapar. Os que não pereceram nos campos de Batalha, gemeram anos nas cadeias da Baía, inclusive Antonio Carlos Ribeiro de Andrada.

Não teria havido tantas vítimas, segundo historiadores, si o governo de D. João VI não tivesse mandado para Pernambuco a Luiz do Rego Barreto de esccranla memória, que ali deu vaz a seu instinto perseguidor e mau.

Nos cárceres não cabiam tantos presos, sendo alguns metidos em porões de navios. Foi, depois, creado um tribunal denominado ALÇADA, composto de quatro desembargadores nascidos em Portugal, salientando-se entre estes Bernardo Teixeira, pela sua deshumanidade, pelas suas atrocidades.

Matavam os revolucionarios, decepavam-lhes as mãos, espetavam suas cabeças em postes e arrastavam os corpos a cinchas de cavalos.

Em 1818 foi concedido o perdão geral, mas assim mesmo

Rego Barreto continuou suas perseguições até 1821, quando GUILHERME MARQUES PEIXOTO, — fundador e Veneravel da "Loja Maçonica 6 de Março de 1817", — matou-o com um certo tiro.

Mas, senhores, minhas senhoras e meus irmãos— a Maçonaria não descansava, os seus são princípios continuavam a ser pregados.

Diante de tudo isto, no entanto, o preparo para a independência, a ideia de liberdade, o desejo de uma Patria livre não cessava de pulsar nas almas bem intencionadas, nos arroçados, nos desprendidos, nos que combatiam a ignorância, os preconceitos, os erros, nos que glorificavam o Direito, a Justiça, a Verdade, nos que promoviam o bem estar da Humanidade, nos que cavando Masmorras ao vicio Levantavam Templos á Virtude.

Em 1819, João Mendes Viana, — Capitão de Engenheiros — fundou, no Rio de Janeiro, a Loja Maçonica "Comercio e Artes."

Precisava a Maçonaria levar avante a sua intenção e necessario se tornava procurar um ponto de apoio mais, para a sua propaganda.

Joaquim Gonçalves Léo procura e consegue levar José Bonifacio de Andrada e Silva para dentro da Maçonaria.

Com a fundação da Loja "Comercio e Artes," cogitavam os Maçons fundar um Grande Oriente Nacional, o que o conseguem a 28 de Maio de 1822, n'uma assembléa presidida por Mendes Viana, sendo, então, seu primeiro Grão Mestre José Bonifacio de Andrada e Silva, 1.º Vigilante Joaquim Gonçalves Léo e Grande Obediente o Conego Januario da Cunha Barbosa.

Nesta mesma reunião foi resolvido que a Loja "Comercio e Artes" se subdividisse, ficando com o titulo primitivo, fundando-se outras duas que tomaram as denominações de "União de Tranquilidade" e "Esperança de Niteroi" sendo escolhidos Veneraveis da "Comercio e Artes" o Major de Granadeiros Albino dos Santos Pereira e da "Esperança de Niteroi" o Major ajudante de ordens da Brigada de Marinha Pedro José da Costa Barros, sendo que vamos encontrar, alem dos já citados, mais alguns Maçons, como o cirurgião mór Francisco Mendes Ribeiro, o padre-mestre frei Francisco de Santa Tereza Sampaio, José Clemente Pereira, Euzébio Jo-

sé da Cunha, padre Manoel Teles Ferreira Pita, Muniz Barreto e outros, cuja leitura seria longa.

Os movimentos que então se desenrolavam em Portugal tiveram um grande reflexo no Brasil. Os ciúmes causados pela sucessivas concessões feitas, a ausência da Córte de Portugal, entre outros motivos de ordem interna e externa, muito contribuíram para a revolução vitoriosa, em Portugal, em 1820.

Havia, no Brasil, o partido politico liberal tomando corpo, expandindo-se, lutando pela permanencia da Córte no Rio de Janeiro, onde, entre outros, encontravam-se militando os Andradas e a cuja frente encontrava-se a figura ímpar, impávida e desassombrada de Joaquim Gonçalves Léo, sendo a Maçonaria o centro de das reuniões, onde, nivelados e fraternalmente trabalhavam povo, clero e nobresa, para a independencia da nossa Pátria.

Naquela época, com razões ponderaveis, exigia a Maçonaria que qualquer novo associado ao ingressar prestasse o juramento de "sustentar a causa do Brasil, quanto compativel fosse com suas forças", não admitindo que quem quer que fosse, não estivesse disposto a trabalhar pela nossa independencia.

Regressa D. João VI para Portugal, em abril de 1821, deixando á frente do Governo seu filho, o Príncipe D. Pedro.

Ao despedir-se de seu filho, antes de embarcar, D. João VI, segreda-lhe ao ouvido "Pedro, antes que algum aventureiro se apodére da corôa do Brasil, põe-na tu á cabeça".

D. Pedro tinha 23 anos e era a antitesse do pai. Cavalheiresco, generoso, valente, seduzia-o a gloria de fundar um Império na América.

Gonçalves Léo e o Conego Januario da Cunha Barbosa fundavam, também em 1821, o jornal "O REVERBERO", ao qual deram o sobrenome de "CLARIM DAS LIBERDADES NACIONAIS," e, já em seu primeiro número, segundo réza a história, fazia ao Príncipe, que regressava de Minas, ésta entusiastica-saudação:

"PRINCIPE" Rasguemos o véu dos mistérios; rompa-se a nuvem que encobre o sol que deve raiar na esfera brasileira; forme-se o livro que nos deve reger e, sobre as bases já por nós juradas em grande pompa, seja con-

duzido e depositado sobre as azas de Deus, de nossos pais. Ah, diante do Altissimo, que te há de ouvir e punir, si fores traidor, jura defende-la e guarda-la á custa do teu próprio sangue; jura identificar-te com ella; o Deus dos cristãos, a Constituição brasileira e Pedro, eis os nossos votos eis os votos de todos os brasileiros. O dia de gloria.

Quanto é belo, até mesmo lóbrigado por entre as névoas do futuro.

Príncipe, só assim baquearão de uma vez os cem dragões que rugem e procuram devorar-nos.

NÃO DESPREZES A GLORIA DE SER O FUNDADOR DE UM NOVO IMPERIO. O Brasil de joelhos te mostra o peito, e nele, gravado em letras de diamante o teu nome. Não te assistem os pequeninos princípios. Ah! si visses como é pobre a nascente dos dois gigantes da America, e como depois levam aos mares mais guerras do que tributos."

Príncipe, as nações todas têm um momento unico, que não torna quando escapa, para estabelecerem seus governos. O Rubicon passou-se atraz fiça o inferno; adiante está o templo da imortalidade".

Dominavam no Grande Oriente a habilidade politica de José Bonifacio, o entusiasmo patriótico de Joaquim Gonçalves Léo, a eloquencia do Padre Januário da Cunha Barbosa, o patriotismo de José Clemente Pereira, o vigor combativo de Muniz Barreto, a bravura do General Pereira Nobrega, a respeitabilidade de Azevedo Coutinho, e centenas de outros que vanguardeavam o movimento.

Contam que cada vez mais, eram restringidas pelas Córtes Portuguezas as franquias outorgadas ao Brasil e a que o paiz já se habituara.

D. Pedro vacilava entre as tendencias naturais de seu espirito liberal e o dever politico-administrativo que fora confiado á sua lealdade.

Pretendendo cassar as amplas prerrogativas da administra-

ção, chegavam decretos humilhantes, leis odiosas, sem que podessem prevalecer os energicos protestos de António Carlos, as considerações de Vilela Barbosa, as ponderações sensatas e prudentes dos demais deputados brasileiros. Pretendiam as Cortes fazer voltar o Brasil ao regime colonial, afim-de continuarem em suas extorsões, esquecendo-se de que o Brasil fóra a sua salvação na hora amargurada da invasão francesa.

Um decreto, o de 29 de setembro de 1821 — ordenava o regresso immediato do Príncipe e suprimia os tribunais de apelação, tomando ainda outras medidas igualmente vexatorias, — foi recebido no Brasil como um supremo ultrage, um grave atentado aos direitos que o paiz conquistara por sua prosperidade, riqueza e prestigio intelectual de seus filhos, e também por sua qualidade de reino unido ao de Portugal.

As tropas portuguezas dispunham-se a forçar D. Pedro a obedecer as ordens das Cortes portuguezas, havendo em razão disso grandes motins e arruaças na cidade do Rio de Janeiro.

O Príncipe recebia supplicas vementes de todos os pontos do paiz, no sentido de aqui permanecer.

Membro da Junta de São Paulo, José Bonifacio, fez uma representação em nome desta provincia, na qual deixa transparecer a exaltação de animos:

"Si V. A. R. estiver (o que não é crível) pelo deslombado e indecoroso decreto de 29 de setembro, alem de perde para o mundo a dignidade de homem e de Príncipe, tornando-se escravo de um pequeno numero de desorganizadores, terá também que responder, perante o céo pelo rio de sangue que de certo vai correr pelo Brasil com sua ausencia."

Gonçalves Léo que havia conseguido trazer para dentro da Maçonaria José Bonifacio, convidou-o também, e o conseguiu, que tomasse parte no movimento politico que resultou o FICO.

A intervenção consequente de Maçonaria no FICO evidencia-se no papel que nele representaram maçons illustres e conspícuos, todos de iniciativa do Grande Oriente. Reconstituído o Ministério, entrando para ele José Bonifacio, passou o governo a

ter mais unidade, a agir com mais firmeza, resistindo, assim, mais facilmente, às determinações de Lisboa

Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barbosa prepuzeram a criação do Conselho de Estado

Animados com sucessos conseguidos, — o FICO e o CONSELHO DE ESTADO — propuzeram Januário e Ledo, em sessão do Grande Oriente, que se pedisse ao Príncipe a convocação de uma Assembléa Constituinte.

Gonçalves Ledo, eleito representante da provincia do Rio de Janeiro, o que demonstrava seu imenso prestigio político, redige e lê um requerimento que começava assim:

“SENHOR!” A salvação pública, a integridade da Nação, o decôro do Brasil, e a glória de V. A. R. instam urgem e imperiosamente comandam que V. A. R. faça convocar, com a maior brevidade possível, uma assembléa geral de representantes das provincias do Brasil.

Para terminar com estas palavras incisivas, ousadas e que fizeram os Ministros estremecer:

“Ao decôro do Brasil, a glória de V. A. R. não pode convir que dure por mais tempo o estado em que está. Qual será a Nação do mundo que com êle queira tratar, enquanto não assumir um caracter pronunciado? Enquanto não proclamar os direitos que tem, de figurar entre os povos independentes? E qual será a que despreze a amizade do Brasil e a amizade de seu Regente? É nosso interêsse a paz: nosso inimigo só será aquele que ousar atacar a nossa Independencia.

E, a Gonçalves Ledo coube a honra de redigir o respectivo decreto, convocando a Constituinte.

Segundo escreve Porto Seguro, “por esse tempo propoz Domingos Alves Branco Muniz Barreto, em uma sessão da Maçonaria, que, para ter o Regente um título conferido pelo povo, se lhe pedisse aceitar o de “PROTETOR E DEFENSOR PERPÉTUO DO BRASIL”.

Aprovada a idéia, Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barbosa redigiram o discurso que José Clemente Pereira, Presidente do Senado da Camara, devia pronunciar e resolveram aproveitar o dia 13 de Maio, data do aniversário de D. João VI

Este pedido ou resolução, classificado por alguns de imprudente, pois era uma provocação franca as Cortes, foi deferido por D. Pedro

Vencia, assim, mais uma vez, a Maçonaria, abrindo cada vez mais a estrada que havia de conduzi-la a méta sonhada: A INDEPENDENCIA.

A 20 de Maio, em nome do povo do Rio de Janeiro, Gonçalves Ledo dirigiu ao Príncipe, desassombadamente, um tremendo ultimatum, que terminava dizendo:

“A Natureza não formou satélites maiores que os planetas. A America deve pertencer á America, a Europa, á Europa porque de balde o G. A. D. U. meteu entre tre ellas o espaço imenso que as separa.

O momento para estabelecer-se um perdurável sistema e ligar todas as partes no nosso grande todo, é este. O Brasil no meio de nações independentes, e que lhe falam com exemplo de felicidade, não pode conservar-se colonialmente sujeito a uma nação remota e pequena, sem forças para defendê-lo e ainda menos para conquistá-lo.

As nações do universo tem os olhos sobre nós, brasileiros, e sobre ti, Príncipe! Ou cumpre aparecer entre elas como rebeldes ou como homens livres e dignos de o ser.

Tu já conheces os bens e os males que te esperam e á tua posteridade.

“QUERES OU NÃO QUERES? RESOLVE, SENHOR.”

Diz o historiador Varnhagen, “foi nestes momentos de apuro, — em que o Príncipe, — informado dos serviços que a sua cau-

sa e á do Brasil havia prestado e estava prestando a Maçonaria, trabalhando ativamente com seu Grão Mestre e 1.º Vigilante, motivo por ventura de curiosidade tão natural em sua idade e não menos dos argumentos de seus catequizadores, que lhe citariam fatos de outros Reis da Europa que, por fins políticos, haviam igualmente professado, — se deixou converter e quiz “VER A LUZ MAÇONICA”.

Proposto pelo Grão Mestre, seu Ministro, para ser INICIADO NOS MISTERIOS DA ORDEM, aceita a proposta, ingressou D. Pedro na “Loja Comercio e Artes”, sendo iniciado SEM DISPENSA DE PROVAS

Dias após a iniciação de D. Pedro, Gonçalves Ledo, em Loja, proferiu enérgico, incisivo e desassombado discurso sobre a necessidade de se proclamar quanto antes a Independencia do Brasil.

A 23 de agosto de 1822, foram segundo historiadores, “despachados emissários Maçons a todas as provincias no intuito de facilitarem a execução do ideal da proclamação da independencia e obstem a qualquer corporação precedesse a Maçonaria na glória da empreza, na qual tinha ela sido primeira “em dar o necessário impulso á opinião publica”.

Assim, seguiram para Minas o Padre Januário da Cunha Barbosa, para Pernambuco, João Mendes Vieira para Bahia Gordilho de Barbuda e para Montevidéo o Dr. Lucas Obes.

Cuidou-se, antes de enviar seus emissários para as provincias, da fórmula do juramento a remeter à camaras, que “até então constituíam o unico órgão legitimo da vontade popular, portanto da soberania nacional.

A Maçonaria não descansava, agia sempre, o terreno para a independencia estava preparado, um esforço mais e a liberdade do Brasil se cumpriria.

A exaltação patriótica tomava vulto, agigantava-se, procurava espalhar-se. O ambiente fervilhava.

A Maçonaria, a imprensa, o Clube da Resistencia, norteavam os acontecimentos, faziam apelos. Discordias surgiam em Minas e em São Paulo

D. Pedro resolve visita-las.

Nesse interregno chegam noticias da Corte portugueza, pelas quais comprehendia-se não ser mais possível conter a situação; pretendiam processar os ministros de D. Pedro, por attitudes de desasombro, e reduzir o Brasil a simples colonia.

Reunido o Conselho de Estado, feita exposição verbal do estado em que se achavam os negocios publicos, dizia José Bonifácio, que “não era mais possível permanecer n’aquella dubiedade e indecisão, e que para salvar o Brasil cumpria que se proclamasse imediatamente a sua completa separação de Portugal”.

Destacados os emissários para serem os portadores dos despachos a S. A. R. seguem rapidamente ao encontro de D. Pedro e, de conformidade com o que diz a história “as quatro e meia horas da tarde do bellissimo sabado, 7 de Setembro, encontram-no às margens do Ipiranga, fazendo-lhe entrega da correspondencia

Lê o Príncipe os despachos, inclusive carta de José Bonifácio.

Sente-se que êle experimenta subita e estranha emoção.

Depois, calmamente, entrega as cartas a seu Ajudante, e diz a meia voz :

“Tanto sacrificio feyto por mim, e pelo Brasil inteiro e não cessam de cair á nossa ruina...”

e, num movimento de alma:

“É preciso acabar com isto!

Arranca da espada e grita :

“INDEPENDENCIA OU MORTE!

como si gritasse ali para o Brasil inteiro.

Esporeia o animal, avança para o lugar onde estavam sua guarda de honra e comitiva.

Á sua aproximação a sentinela brada às armas, forma-se a guarda precipadamente, faz-se a continencia e ninguém pode compreender a causa de tão estranha attitude do Príncipe e dos que o seguem, pois todos, de espadas em punho, desembainhadas, feições alteradas, a demonstrar a gravidade do que se estava passando.

D. Pedro, diante de todos, empertigado, exclama:

"CAMARADAS! As cortes de Lisboa querem mesmo escravizar o Brasil, cumpre, portanto, declarar já a sua independência: estamos definitivamente separados de Portugal!"

E estendendo a espada, repete com a força de seus robustos pulmões:

"INDEPENDÊNCIA OU MORTE"

para em seguida ordenar:

"LAÇOS FÓRA",

arrancando de seu chapéu o tópe português e jogando-o fora, o que é por todos imitado com indistiguíveis transportes de alegria.

Estava assim proclamada a Independência do Brasil. A Maçonaria havia, indiscutivelmente, sido o coração, o braço forte, e a alma deste movimento, e aproveitou-se de D. Pedro, por ser ele o instrumento que a providencia pôz a seu alcance, para levar a bom termo essa grande obra.

Dois dias depois do 7 de Setembro, portanto a 9, em sessão do Grande Oriente, Gonçalves Léo num discurso arrebatador proclamou a Independência do Brasil.

Após a chegada de D. Pedro ao Rio, vindo de São Paulo, fez Gonçalves Léo circular pela cidade esta proclamação:

"Cidadãos! A Liberdade identificou-se com o terreno americano: A Natureza nos grita — Independência: a Razão o insinua, a Justiça o determina, a Glória o pede: resistir-lhes é crime, hesitar é dos covardes; somos homens, somos brasileiros. INDEPENDÊNCIA OU MORTE! Eis o grito de honra, eis o brado nacional que dos corações assoma aos lábios e rápido ressoa desde as margens do corpulento Prata quasi a tocar nas do gigantesco Amazonas.

A impulsão está dada, a luta encetou-se, tremam os tiranos, a vitória é nossa. Coragem! Patriotismo! O grande Pedro vos defende: os destinos do Brasil são os seus destinos.

Não consintamos que outras províncias mais do que nós se mostrem agradecidas. Mais, um passo, e está vencido. Aclamemos o digno heroe, o magnanimo Pedro, nosso primeiro Imperador Constitucional. Este feito glorioso assombre a Europa, e, recontado por milhares de cidadãos em todos os climas do universo, leve á posteridade o festivo anuncio da Independência do Brasil.

Dias após, isto é a 21 de setembro, nova proclamação escreveu e distribuiu por todos os recantos do Rio de Janeiro, assim finalizando:

"Que hesitamos? O momento é chegado.

Portugal nos insulta: A America nos convida, a Europa nos contempla, o Príncipe nos defende. Cidadãos!

Levantai o festivo clamor: — Viva o Imperador Constitucional do Brasil, o Snr D. Pedro I!"

Estava consolidada a Independência Patria. Sentiam-se recompensados os bravos batalhadores desta campanha homérica.

O Brasil estava liberto do jugo que o prendia.

Os grilhões haviam sido quebrados.

O povo respirava outro ar, a vida tomava outro encanto.

X Seria grande injustiça, um imperdoável esquecimento não falarmos no grande jornalista da Independência; — Hipolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, mais conhecido por Hipolito José da Costa, filho de Pelotas, — esta linda Píncesa do Sul — berço de outros tantos homens ilustres.

Suas primeiras letras cursou-as no Rio de Janeiro, seguindo depois para Coimbra, em cuja Universidade formou-se, retornando, depois a Pátria.

Após seu regresso o representante português D. Rodrigo de Souza Coutinho, incumbido, por seus conhecimentos e méritos, a estudar o processo do cultivo do algodão, anil e açúcar nos Estados Unidos, de onde volta em 1801, e, depois de apre-

sentados os resultados de sua viagem, foi nomeado Director Literário da Junta Administrativa da Imprensa Régia, em Lisboa, tendo em razão de seu cargo seguido para a Inglaterra, afim de efetuar compras.

Por ocasião de sua viagem aos Estados Unidos filiou-se a uma Loja Maçonica, em Filadelfia.

De volta de sua viagem prendeu-o a Inquisição de Lisboa, apreendendo-lhe todos os documentos e procedendo rigorosa busca em todos seus papeis.

Depois de uma estada regular nos calabouços de Lisboa, consegue fugir, chegando a Londres, isto "por partes de Amigos até hoje desconhecidos e não investigados, senão por artes do demônio maçônico", segundo alguém.

Começa então Hipolito José da Costa a editar o CORREIO BRASILIENSE, único jornal brasileiro editado em Londres, durante 14 anos consecutivos, fazendo chegar ao Brasil, inumeros exemplares de cada edição por mil maneiras diferentes.

Era objetivo único e exclusivo do CORREIO BRASILIENSE a propaganda da causa da Independência, tentando por isso, D. João VI, proibir a sua circulação em nossa Pátria, chamando seu redator e proprietário de "furioso e maldoso".

Em dezembro de 1822, portanto, já consumada a Independência, o CORREIO BRASILIENSE avisava em editorial, que "os acontecimentos ultimos do Brasil haviam tornado desnecessário ao redator o encarregar-se da tarefa de recolher novidades".

para arrematar que, o jornal sairá apenas quando

"se oferecer matéria sobre que julgemos dever dar a nossa opinião, a bem da nossa Pátria, e houver ocasião oportuna de fazer as remessas".

E assim acabou sua curta e intensa vida o grande jornal da Independência.

Nunca pediu Hipolito José da Costa, uma recompensa por seus serviços, vindo a falecer em Londres "o primeiro jornalista, o pregador da Independência pela imprensa, o criador de um jornal brasileiro em Londres e fugitivo da Inquisição."

Grande batalhador, incansável lidador a Pátria muito se orgulha de ti!

Do trabalho da Maçonaria deixemos que falem os historiadores, porque insuspeitos, e conta-nos Oliveira Lima:

"A maçonaria foi incontestavelmente uma escola de disciplina e de civismo e foi um laço de união entre os esforços dispersos e dispersivos".

A sua função foi essencialmente oportuna. Sem ela não teria o trono podido desempenhar nessa ocasião o seu papel histórico, fundido uma vez mais aspirações nacionais sob ação mais desinteressada. Aos dirigentes locais faltaria um meio de se entenderem, de concertarem seus ideais e suas atividades numa combinação tanto mais urgente, quanto as províncias brasileiras tinham deante de si o espetáculo da desunião prevalecente nas províncias hespanhólas e acarretando males sem conta"

Meus Senhores! Minhas Senhoras! Gentis Senhorinhas! Meus Irmãos!

A Maçonaria não é uma religião, é uma escola de moral.

E, expressão elevada de moral, é o simbolo da pedra bruta, onde desbastamos as asperas do nosso eu.

Agir com prudência, vigiar-se a si próprio, jamais fraquear, sempre dominar-se, nunca ser dominado, guardar intactas as convicções hauridas — no estudo, na observação, no livre exame de todas as questões, não é problema fácil mesmo dentro do relativo nossa precaria e acidentada existência.

Partidária do livre exame, admitindo que as verdades de hoje sejam os erros de amanhã, que é necessário acompanhar a ascensão do progresso humano, sempre visando a crescente dignificação da personalidade humana pelo estudo e pelo trabalho, é a Maçonaria opositora de exclusivismo, adversária do despotismo, inimiga Jurada das tiranias.

A Maçonaria não indaga de seus adpetos quais as suas crenças, acolhendo por isso, tanto o católico como o protestante, tan-

to o espirita como o trósofo, tanto o budista como o israelita, desde que sejam de bens costumes, não cré na infalibilidade humana, não admite dogmas, não abriga preconceitos, repele imposição e combate superstições, não admite extremismos, estimula a pratica da Caridade, de atos humanitários, luta pela Liberdade, pela Igualdade pela Fraternidade, pelo bem da Patria e da Humanidade.

Hoje como hontem, amanhã como hoje, ha-de, a Maçonaria trabalhar sempre, sem desfalecimentos, sem tibiezas, por um Brasil mais forte, mais unido, mais coeso.

O trabalho dos antigos Maçons foi imenso; legaram-nos uma Patria livre e Independente e, hoje, com os olhos fitos no futuro, pedimos sempre ao G.A D U. que nos guie e ilumine no sentido de não desmerecemos do passado glorioso que nos foi legado e que nossos filhos possam orgulharem-se do legado que lhes deixarmos.

Cabe-nos a tarefa grandiloquente de trabalharmos para que modificado seja este estado de cousa, pois em um mundo em que não ha liberdade de pensar, menos de divergir dos dirigentes ocasionais, em um mundo no qual ao lado da felicidade e dos gosos de uma parte, existe e se ostenta o sofrimento das multidões, num mundo assim, não pôde haver paz, não pôde haver felicidade, não pôde haver descanso, não pôde haver progresso, não pôde haver consciencias livres.

Precisa a Maçonaria, agora mais do que nunca, fazer suas as quatro grandes Liberdades preconizadas por aquele grande Maçon, aquele vulto vulto inconfundível, aquele grande coração, aquela alma de eleito que foi Franklin Delano Roosevelt.

Grande verdade encerram as palavras do Padre Carvalho Léssa, quando disse que a Maçonaria tem "A GRANDE VIRTUDE ESCONDER-SE PARA FAZER O BEM, AO CONTRARIO DE TODAS AS OUTRAS SOCIEDADES QUE SÓ SE ESCONDEM PARA FAZER O MAL."

No presente, como no passado, efetivamente, assim foi o procedimento da Maçonaria, tanto que cabe-lhe a Gloria de ter fundado a nacionalidade de um dos maiores paizes do Mundo, — o nosso amado e Glorioso BRASIL.